

BASTÃO

Raphael Fonseca

Angelina Jolie, Scarlett Johansson, Kim Kardashian, Marion Cotillard e Taylor Swift. Atrizes e cantoras (ou simplesmente, como dito popularmente, “artistas”) de branca tez, lisos cabelos e boca carnuda. Esta última não fica sozinha; sobre sua superfície é espalhada, assim como tinta sobre tela, a gama de vermelhos oferecida por um batom. Os *flashes* são disparados e o tapete vermelho ganha um par em alguns dos rostos mais célebres da cultura de massa contemporânea.

Dezessete segundos é o tempo que Elen Braga utiliza de modo semelhante esse mesmo bastão de maquiagem em um de seus vídeos produzidos no ano de 2012. Com o rosto em primeiro plano, tal qual um busto de mármore, a artista transforma sua boca em grandes lábios através do vermelho. Na sequência, o contorno é deixado de lado e suas mãos atacam a parte interna de seu corpo – dentes e língua são preenchidos pelo batom que se transforma em pincel. A estrutura que sustenta esse objeto é deixada de lado e suas próprias mãos se sujam para que toda a sua face seja coberta. De coadjuvante, o vermelho se torna protagonista; o brinco de pérola se transforma em pintura corporal.

Despede-se da civilização e se dá boas-vindas à barbárie. O tom decorativo da maquiagem feminina conota agora outro dado que poderíamos chamar, talvez, de “ancestral”; o tapete, em verdade, nunca foi vermelho e agora fica claro que é banhado de sangue. E qual origem poderíamos atribuir a esse líquido? Uma leitura seria a do confronto entre o falo masculino e o hímen, o rompimento da virgindade e o sangramento. O próprio ato de se passar o batom sobre os lábios (pequenos ou grandes) não ecoa a penetração? Por outro lado, como esquecer do sangue escorrido dos rostos daquelas celebridades que tentaram ampliar o tamanho de suas bocas?

Essa obra audiovisual consegue refletir tanto sobre a história da arte quanto sobre o estatuto da imagem contemporaneamente (se é que podemos pensar essas duas instâncias de modo separado). Olhar para esse rosto rubro de batom faz lembrar, apenas como

exemplo rápido, da obra *Il volto di Mae West*, de Salvador Dalí (1934). Em 1937, o artista chega a transformar a boca, os lábios de sua obra inspirada na atriz Mae West em um móvel, um sofá, denominado como *Mae West Lips Sofa*; ou seja, um órgão pode ser um lugar de repouso e se sentar sobre uma boca vermelha remete ao caráter sexual desse orifício. Já Andy Warhol irá lidar com a repetição e saturação através da recoloração dos lábios e rostos de centenas de retratos de Marilyn Monroe (1962) – imagem à qual Madonna recorrerá na capa de *Celebration* (2009), coletânea de seus maiores sucessos. No lugar do sorriso, porém, os lábios semicerrados e uma expressão de superioridade.

Elen Braga contribui com essa problematização de modo diverso de Dalí e de Warhol: trata-se de uma mulher que explora o seu próprio corpo através do embate com uma concepção socialmente institucionalizada sobre o que poderia vir a ser “feminino”. Nesse sentido, ao se colocar no lugar de sujeito e objeto, sua pesquisa pode ser relacionada com o trabalho da artista francesa Orlan. Sem recorrer às cirurgias plásticas, enfocando sua atenção sobre a superfície, a artista lança os holofotes sobre palavras-chave como apresentação, identidade e representação.

Todos corremos nossos cem metros com barreiras cosméticas a cada dia. Ao se olhar de modo perspectivo, talvez com o auxílio da História, nos damos conta da bagagem cultural jogada sobre os ombros das mulheres – nossa prova muda e nos vemos em outra corrida, um revezamento com bastão. Se olharmos com bastante atenção, ficaremos espantados: há mais Lindsay Lohans ao nosso lado do que podemos imaginar.

PARA CITAR ESTA PUBLICAÇÃO

FONSECA, Raphael. “Bastão”. *eRevista Performatus*, Inhumas, ano 1, n. 1, nov. 2012.

ISSN: 2316-8102.

Revisão ortográfica de Marcio Honorio de Godoy

Edição de Hilda de Paulo

© 2012 eRevista Performatus e o autor